



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL
CURSO DE PSICOLOGIA

LARISSA KELLY DOS SANTOS LEMOS

Memória, Ritual e Cura: O Papel dos Ritos Fúnebres
na Elaboração da Perda

Salvador

2025

LARISSA KELY DOS SANTOS LEMOS

Memória, Ritual e Cura: O Papel dos Ritos Fúnebres na Elaboração da Perda

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador, como um dos requisitos obrigatórios para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Eurides Simões Soares Hide.

SALVADOR

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha avó, que mesmo partindo no alvorecer deste estudo, transformou sua despedida em meu mais profundo aprendizado.

Na dor, ensinou-me sobre a vida; na ausência continua a guiar-me com seu amor. Que estas páginas honrem não apenas os rituais fúnebres, mas a eternidade do seu legado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, pela força que me sustentou e pela luz nos momentos em que o caminho parecia mais desafiador.

À minha mãe, que é abrigo. Obrigada por cada palavra que me sustentou, por cada gesto de cuidado que me reconstruiu e por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava.

À minha irmã, pela parceria, pelo carinho e pela companhia que sempre tornaram meus dias mais leves. Obrigada por caminhar ao meu lado com tanta verdade.

À minha namorada, que é minha calma em meio às incertezas. Obrigada por me apoiar, por estar presente em cada etapa e por me lembrar do meu próprio potencial com tanto amor e paciência.

À minha família, que sempre torceu por mim e me ofereceu apoio de todas as formas possíveis. Cada demonstração de carinho fez diferença nessa trajetória.

Aos meus amigos da faculdade, que estiveram comigo nesses 5 anos. Em especial, Bruno Doria, Julia Maciel, Julia Rebello, Lavinia Vila Verde e Marianna Gruden. Obrigada pelas risadas que quebraram o cansaço, pelas conversas que aqueceram a alma e pela companhia que transformou o árduo em possível.

Às minhas meninas, Maria Eduarda Lisboa e Sandra Onofre que indiretamente a faculdade me presenteou da forma mais linda. Obrigada pelo fortalecimento de quem fui e tenho sido nesta jornada, vocês tornaram tudo ainda mais leve.

Às minhas amigas do estágio, Clara Marinho, Franciele Souza, Maria Julia Correia, Myllena Curvelo e Pedrina Pereira que me acompanharam de perto e me deram força para concluir esta fase. Obrigada pela parceria, pelas trocas sinceras e pelo apoio que tornou tudo mais possível.

À minha orientadora, cuja escuta atenta e orientação sensível me acompanharam com ética e delicadeza. Obrigada por acreditar na força deste trabalho e na minha caminhada enquanto futura psicóloga.

Aos meus professores da graduação, que abriram portas, ampliaram olhares e deixaram marcas profundas na maneira como compreendo o mundo, o outro e a mim mesma. Levo cada ensinamento como parte do que hoje se torna possível em mim.

RESUMO

Este estudo investiga o papel dos rituais fúnebres na elaboração do luto, analisando sua relevância no enfrentamento da perda e os impactos de sua ausência na saúde psíquica dos

enlutados. Partindo da premissa de que a morte, embora universal, é um fenômeno carregado de significados simbólicos, sociais e emocionais, a pesquisa adotou uma abordagem metodológica mista (quantitativa e qualitativa) de corte transversal, configurando-se como uma pesquisa de opinião pública. Os dados foram coletados por meio de um questionário online aplicado a 100 participantes, utilizando amostragem não probabilística "bola de neve". Os resultados quantitativos, analisados por estatística descritiva, e os qualitativos, submetidos à Análise de Conteúdo Temática de Bardin, revelaram que a função psicológica do ritual é percebida como a principal (37,5%), seguida pela função social (35,6%). A maioria dos participantes considera os rituais importantes ou muito importantes para a superação da perda (93%), e a ausência deles é majoritariamente associada à dificuldade de aceitação da perda (45,6%) e a um luto inacabado (42,6%). A família se destacou como a principal fonte de apoio emocional (40,5%). As narrativas qualitativas evidenciaram que os rituais atuam como um marco simbólico crucial para a "concretização" da perda, o "fechamento de ciclo" e o oferecimento de "apoio social". Conclui-se que os rituais fúnebres permanecem como instituições sociais fundamentais para a elaboração saudável do luto, atuando como uma ponte vital entre a dor individual e o amparo coletivo, mesmo em um contexto de ressignificações e tensões, como a psicologização e a mercantilização da morte.

Palavras-chave: Luto. Rituais Fúnebres. Morte. Saúde Mental. Elaboração da Perda.

ABSTRACT

This study investigates the role of funeral rituals in the elaboration of grief, analyzing their relevance in coping with loss and the impacts of their absence on the mental health of bereaved individuals. Based on the premise that death, although universal, is a phenomenon laden with symbolic, social, and emotional meanings, the research adopted a mixed-methods approach (quantitative and qualitative) with a cross-sectional design, configured as a public opinion study. Data were collected through an online questionnaire applied to 100 participants, using non-probabilistic snowball sampling. The quantitative results, analyzed through descriptive statistics, and the qualitative findings, examined through Bardin's Thematic Content Analysis, revealed that the psychological function of the ritual is perceived as the most significant (37.5%), followed by its social function (35.6%). Most participants consider rituals important or very important for coping with loss (93%), and their absence is predominantly associated with difficulty accepting the loss (45.6%) and with unfinished grief (42.6%). Family emerged as the main source of emotional support (40.5%). The qualitative narratives highlighted that rituals act as a crucial symbolic marker for "making the loss real," "closing the cycle," and providing "social support." It is concluded that funeral rituals remain fundamental social institutions for the healthy elaboration of grief, functioning as a vital bridge between individual pain and collective support, even within a context marked by resignifications and tensions such as the psychologization and commodification of death.

Keywords: Grief. Funeral Rituals. Death. Mental Health. Grief Processing.

SUMÁRIO

1.	4
2.	6
2.1.	6
2.2.	6
2.3.	7
2.4.	8
3.	9
3.1.	11
3.2.	12
4.	15
4.1.	15
4.2.	18
5.	21
APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

A morte é uma experiência universal e inevitável, presente em todas as culturas e tempos históricos. Ainda que seja um processo natural, sua compreensão ultrapassa o aspecto biológico e alcança dimensões simbólicas, sociais e emocionais, sendo carregada de significados que variam conforme o contexto. Enquanto em épocas passadas, como na Idade Média, a morte fazia parte do cotidiano e era tratada de maneira mais natural e pública, segundo a análise histórica de Ariès (2003), na contemporaneidade ocidental, ela passou a ser frequentemente negada e ocultada, sendo associada a fracasso, dor e vergonha (Combinato e Queiroz, 2006). Kübler-Ross (1996), ao trazer a morte para o centro do debate em “Sobre a Morte e o Morrer”, foi fundamental para romper este tabu. Essa mudança de percepção influencia diretamente o modo como os indivíduos lidam com a perda e como elaboram o luto.

O luto, por sua vez, é uma resposta humana complexa diante da perda, atravessando dimensões históricas, religiosas, filosóficas, psicológicas e sociais. No campo da psicologia, teóricos como Freud (2010), em “Luto e Melancolia”, enfatizaram o processo de desapego da libido o objeto perdido. Posteriormente, modelos como o de estágios de Kübler-Ross (1996), ofereceram arcabouços para compreender a dinâmica desse processo, evidenciando sua relevância na adaptação à ausência e na reorganização da vida.

Entre os elementos que auxiliam na vivência do luto, destacam-se os rituais fúnebres, que não apenas honram a memória do falecido e simbolicamente encaminham o jazente à sua morada espiritual, mas também fornecem suporte emocional e social aos enlutados. Esses rituais não se restringem aos atos finais de sepultamento ou cremação, mas englobam um conjunto de práticas simbólicas que organizam, condensam e tornam concreta a experiência da perda, auxiliando sua elaboração psíquica e coletiva. Como observaram teóricos clássicos como Durkheim (2000) e Victor Turner (1974), esses rituais funcionam como mecanismos de coesão social e criam espaços de comunhão coletiva (a *communitas*) que ajudam a tornar a perda concreta. No entanto, em situações em que tais práticas são impossibilitadas, como durante a pandemia da COVID-19, contexto no qual estudos como os de Giamattey et al. (2021) e Kovács (2020) identificaram sérios prejuízos ao processo do luto, o sofrimento psíquico pode ser intensificado, dificultando a elaboração da perda.

Nesse contexto, surge a questão central que orienta esta pesquisa: **qual é a relevância dos rituais fúnebres no enfrentamento do luto e de que forma sua ausência impacta a saúde psíquica dos enlutados?**

A justificativa deste estudo apoia-se na necessidade de aprofundar a reflexão sobre a importância dessas práticas, não apenas como tradições culturais, mas como recursos essenciais para a saúde emocional e social. Compreender os impactos da realização, ou a ausência, dos rituais fúnebres possibilita subsidiar ações de intervenção, especialmente em contextos em que tais práticas são limitadas. Além disso, este trabalho busca contribuir para o arcabouço teórico da psicologia e das ciências sociais, oferecendo percepções para políticas públicas e práticas de cuidado.

Dessa forma, este artigo tem como **objetivo geral** esclarecer a complexa relação entre os rituais fúnebres e a vivência do luto, investigando de forma ampla a associação com a saúde mental e, em profundidade, a percepção dos enlutados sobre seu significado e função no apoio emocional. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes **objetivos específicos**: **identificar** a percepção dos participantes sobre o significado e a função dos rituais fúnebres no enfrentamento do luto; **avaliar** a percepção do impacto da ausência dos rituais fúnebres no desenvolvimento de sintomas de sofrimento psíquico (como ansiedade e tristeza intensa); e **investigar** o papel dos rituais como fonte de apoio social, espiritual e emocional durante o processo de luto.

2. MÉTODO

2.1. DELINEAMENTO

Este estudo terá uma abordagem metodológica mista (quantitativa e qualitativa) de corte transversal, configurando-se como uma pesquisa de opinião pública. Conforme Weber e Pérsigo (2017), pesquisas de opinião pública são ferramentas valiosas para compreender tendências, atitudes e percepções da sociedade sobre temas específicos. A utilização da abordagem mista, segundo Creswell (2014), permite que os dados quantitativos possam mapear as tendências gerais de opinião, enquanto os dados qualitativos buscam capturar as nuances e os significados por trás dessas tendências.

A amostragem será não probabilística, pelo método “bola de neve” (Biernacki; Waldorf, 1981), no qual os participantes iniciais são convidados a indicar novos participantes dentro de sua rede de contato, assim, segundo Sampieri et al. (2013), ampliando progressivamente o alcance da pesquisa de forma prática e eficaz.

No presente estudo, o uso combinado de métodos permitirá que os **dados quantitativos**, obtidos por meio de um questionário online, forneçam uma visão geral sobre a frequência e padrões de respostas relacionadas aos rituais fúnebres. Esses resultados serão complementados pelos **dados qualitativos**, coletados por meio de respostas abertas, possibilitando uma compreensão mais profunda das percepções e dos valores atribuídos a esses rituais pela sociedade. Dessa forma, as análises estatísticas serão enriquecidas pela interpretação dos relatos, produzindo um quadro mais completo do fenômeno investigado.

A fim de responder aos objetivos de identificar a percepção dos participantes sobre o significado e a função dos rituais fúnebres, avaliar a percepção do impacto de sua ausência no enfrentamento do luto e investigar o papel por eles atribuído aos rituais como fonte de apoio social, espiritual e emocional.

2.2. PARTICIPANTES E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A população-alvo desta pesquisa é composta por indivíduos brasileiros com 18 anos ou mais, de diversas orientações religiosas e contextos culturais, para garantir a abrangência dos dados. O critério de inclusão central é o desejo e interesse de opinar sobre o tema, e não a

vivência de uma perda recente, uma vez que o estudo visa capturar a percepção da sociedade em geral.

O questionário online foi desenvolvido na plataforma *Google Forms* (2018) e foi divulgado por um card, juntamente com o *QR code* do mesmo (apêndice B), compartilhado por meio das redes sociais, grupos de apoio ao luto, onde constaram informações sobre a pesquisa de forma objetiva e respeitosa, destacando a importância do tema e a contribuição dos participantes para a compreensão do impacto dos rituais fúnebres no luto e convidando os participantes a compartilhá-lo em suas próprias redes.

O instrumento de coleta foi precedido por um convite e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) digital (apêndice B), que explicitava os objetivos da pesquisa, a garantia do anonimato, a voluntariedade da participação e a natureza da pesquisa como estudo de opinião pública. O participante somente teve acesso às questões após concordar com os termos. Para preservar o caráter de opinião pública e o anonimato, não foram coletados dados que permitam a identificação direta dos participantes.

Após a conclusão da pesquisa, os principais resultados serão sistematizados e compartilhados com os participantes em formato acessível, destacando as descobertas mais relevantes e oferecendo orientações gerais sobre estratégias de enfrentamento ao luto.

2.3. INSTRUMENTOS

O principal instrumento para a coleta de dados dessa pesquisa foi um questionário de opinião pública, desenvolvido com base nos objetivos gerais e específicos para a coleta e investigação dos dados quantitativos e qualitativos de forma integrada.

O questionário (apêndice A) é composto por 10 questões divididas em 6 seções principais, iniciando com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) digital que apresenta as informações sobre a pesquisa, a garantia de anonimato e seu caráter voluntário. Na sequência, as três primeiras questões destinam-se à caracterização sociocultural impessoal dos participantes, coletando dados sobre faixa etária, gênero e orientação religiosa para contextualizar as opiniões.

A seção central é formada por quatro questões de múltipla escolha que investigam diretamente a percepção dos participantes sobre a função principal dos rituais fúnebres, seu grau de importância, o impacto percebido de sua ausência no processo de luto e as fontes de apoio consideradas mais relevantes. Em seguida, uma questão aberta de resposta livre busca

capturar, nas próprias palavras dos participantes, a percepção sobre a maior contribuição desses rituais.

Por fim, uma seção explicitamente identificada como opcional é direcionada aos participantes que tenham vivenciado uma perda e se sintam à vontade, contendo uma questão de múltipla escolha sobre a influência da experiência pessoal em sua opinião e uma questão aberta para um relato breve, com o propósito de enriquecer a interpretação dos dados sem alterar o caráter principal de pesquisa de opinião. O questionário foi elaborado para ser preenchido em aproximadamente 10 a 15 minutos, utilizando linguagem clara, acessível e neutra, assegurando a objetividade necessária para este tipo de estudo.

2.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O processamento dos dados iniciou com a organização e tabulação em planilhas do *Google Sheets*. A análise seguiu uma abordagem mista, utilizando diferentes ferramentas conforme a natureza dos dados, sempre supervisionada e validada pela pesquisadora.

Para a análise quantitativa, os dados das questões estritamente fechadas foram analisados por meio de estatística descritiva (frequências e percentuais) diretamente no *Google Sheets*. Nas questões que, além das alternativas pré-definidas, continham o campo “Outro” com respostas abertas, foi adotado um procedimento de recategorização. O texto dessas respostas foi submetido à ferramenta *ChatGPT-4o (OpenAI)*, exclusivamente como recurso auxiliar, com o objetivo de agilizar a identificação de respostas que, embora escritas de maneiras diferentes, correspondiam às mesmas categorias previstas no questionário. Todo o resultado gerado pela ferramenta foi minuciosamente revisado, editado e validado manualmente, garantindo que a categorização final refletisse com precisão as respostas dos participantes. Os dados finais, após validação, foram utilizados para a construção de tabelas e gráficos no *Google Sheets*.

Para a análise qualitativa, empregou-se a Análise de Conteúdo Temática de Bardin (2011). O processo iniciou com uma pré análise e leitura flutuante a partir das quais foram definidas as categorias temáticas. Em seguida, o *ChatGPT-4o (OpenAI)* foi utilizado como um assistente para o agrupamento sistemático dos textos de acordo com essas categorias previamente estabelecidas, após esta etapa, o agrupamento preliminar foi analisado e feito um refinamento manual, onde foram corrigidas imprecisões.

A integração dos dados foi realizada por meio de um resumo narrativo, no qual os resultados quantitativos forneceram um panorama geral das percepções, posteriormente aprofundado e ilustrado pelas nuances e significados extraídos da análise qualitativa.

3. A MORTE E O MORRER

A morte é uma constante na vida de todos os seres vivos, na medida em que se apresenta como um fenômeno inseparável da própria vida, marcando seus limites e integrando o ciclo da existência. Conforme o estudo de Combinato e Queiroz (2006), para além de seu aspecto biológico, a morte carrega uma densa dimensão simbólica, conectada à psicologia e às ciências sociais. O que verdadeiramente define a experiência humana perante a finitude não é o evento físico em si, mas os significados culturais que lhe são atribuídos, que variam historicamente. O homem, como bem pontuou Morin (1982), é o único animal que sabe que vai morrer, e é por conta desta consciência que se estabelecem as culturas e sistemas simbólicos que tentam dar sentido a este destino inevitável.

Essa percepção da morte como um acontecimento carregado de valores muda conforme o contexto sociocultural e histórico. Na Idade Média, em sociedades pré-modernas, Ariès (2003) descreve um evento “domesticado”, vista de maneira mais natural, fazendo parte do cotidiano das pessoas, com cemitérios no coração das cidades e rituais fúnebres públicos. Nesse contexto, o morrer era um processo social e o leito de morte era um palco para a performance de um último papel de relevância comunitária.

A modernidade, contudo, assistiu há transformação radical, notadamente com os avanços da medicina a partir do século XIX. A morte deixou de ser domínio familiar e comunitário para se tornar, nas palavras de Ariès (2003), “interdita”, um tabu associado a fracasso e vergonha que deveria ser escondido. O hospital substituiu a casa como o lugar de morrer e a medicalização da morte obteve um duplo efeito: por um lado, trouxe avanços no controle da dor, por outro, retirou da comunidade a experiência compartilhada do morrer, transformando-a em um evento técnico e privado. Elias (2001) corrobora essa visão, afirmando que o morrer se tornou um processo solitário e institucionalizado, marcado pela ausência do convívio familiar e da comunidade, o que contribuiu para que a morte fosse ainda mais afastada do cotidiano. No contexto brasileiro, Kovács (2005), aponta que a morte se consolidou como um tabu social, com práticas de silenciamento que dificultam o enfrentamento saudável da finitude.

Na contemporaneidade, essa morte “interdita” se aprofundou, tornando-se o que alguns autores chamam de “morte negada”. Kübler-Ross (1996), em seu trabalho pioneiro, foi uma das primeiras vozes a romper este silêncio. Em uma das suas reflexões na obra “A Roda da Vida” (1998), a autora aponta o paradoxo segundo o qual “o homem, que tanto nega a morte

individual, torna-se capaz de produzir a morte em escala industrial" (KÜBLER-ROSS, 1998, p.192). Essa contradição, segundo ela, demonstra uma tentativa desesperada e falha de dominar a morte, buscando controlá-la como forma ilusória de superar o medo da finitude. Esta negação sistemática da morte não apenas empobrece nossa compreensão da vida, como também intensifica o sofrimento psicológico quando a perda inevitavelmente ocorre. No Brasil, esse fenômeno é particularmente marcante. Conforme analisa Kovács (2005), a sociedade brasileira, em sua ânsia por alegria e vitalidade, constrói uma cultura que nega e silencia a morte, a tratando como um assunto a ser evitado, o que, por consequência, deixa os enlutados ainda mais desamparados em sua dor.

A incapacidade de lidar socialmente com a morte tem repercussões diretas no processo do luto. Se a morte é um tabu, a dor que ela provoca também pode se tornar indizível e solitária. Franco (2010) compreende a morte como um evento que desorganiza intensamente o sentido da vida, resultando numa crise existencial que exige do enlutado uma reelaboração não apenas emocional, mas também dos significados.

Em contraponto a essa angústia, Viktor Frankl (2008) sugere que mesmo diante do sofrimento inevitável, é possível encontrar um sentido. Para ele, a consciência da finitude não é apenas uma fonte de angústia, mas um impulso fundamental para que o ser humano realize valores e atribua significado à sua existência, tornando a morte um fator que proporciona urgência e profundidade à vida.

Em resumo, a relação do ser humano com a morte pode ser compreendida como uma trajetória histórica que transitou de um fato social, passou por uma transformação em um problema técnico com a medicina, que a medicaliza, hospitaliza e privatiza, até chegar à contemporaneidade, na qual se configura como uma questão psicológica individual, um tabu e fonte de angústia existencial, cuja negação contraditoriamente convive com a capacidade de produzi-la em escala. Compreender em qual dessas matrizes, ou em qual mistura delas, um indivíduo ou uma sociedade se situa, é fundamental para analisar como se vivencia o morrer, como se elaboram as perdas e que significado se atribui aos rituais que a cercam.

Esta reflexão é crucial para investigar, como fará este estudo, o papel que os rituais fúnebres continuam desempenhando para ajudar as pessoas a encontrarem conforto e significado, especialmente quando a morte é tratada como tabu, mas sua dor é profundamente sentida na solidão.

3.1. A EXPERIÊNCIA DO LUTO: DIMENSÕES EMOCIONAIS E CULTURAIS

O luto é um conceito multifacetado, com raízes que perpassam a história, a cultura, a psicologia e a filosofia. É uma resposta complexa à perda, que pode se manifestar diante da morte de um ente querido, mas também em situações como divórcio, perda de emprego ou mudanças significativas (Parkes, 1998). Este estudo se debruça especificamente sobre o luto decorrente da morte.

A compreensão do luto se transformou ao longo do tempo. Em diversas culturas antigas e tradições religiosas, a morte é compreendida como uma transição para outra forma de existência. Na filosofia estoica, representada por Sêneca, defendia-se que a dor da perda deveria ser governada pela razão e não pelos impulsos emocionais. De modo semelhante, a filosofia epicurista, a partir de Epicuro, sustentava que não se deve temer a morte, pois quando ela chega, nós já não estamos mais aqui. Para esses pensadores, a serenidade diante da morte e a moderação no luto representavam a culminação da sabedoria prática.

Ao longo dos séculos, essas formas de compreender o luto não foram substituídas, mas passaram a coexistir com novas interpretações, que emergiram a partir de mudanças sociais, científicas e culturais. Nesse contexto histórico de transformações, especialmente a partir do século XX, o luto passa a ser progressivamente compreendido também como uma experiência psicológica individual. Em “Luto e Melancolia”, Freud (2010) propôs que o luto é um processo de desapego da libido do objeto perdido, no qual a perda é gradualmente aceita. Kübler-Ross (1996), por sua vez, contribuiu com a conhecida teoria dos cinco estágios - negação, raiva, barganha, depressão e aceitação - desenvolvida a partir de sua experiência com pacientes em estado terminal, que embora permaneça como uma das referências históricas importantes no campo dos estudos sobre morte e luto, tem seu uso direto na clínica atualmente questionado.

A própria autora ressaltou que esses estágios não deveriam ser compreendidos de forma linear ou rígida, tampouco aplicados como um modelo universal do luto. Autores contemporâneos, como Neimeyer (2011), problematizam esse uso prescritivo, apontando que a imposição de trajetórias esperadas pode desconsiderar a singularidade da experiência do enlutado e produzir sofrimento adicional quando a vivência não se ajusta a tais parâmetros. Nesse sentido, Kübler-Ross (1998) posteriormente destacou que a impossibilidade de uma despedida adequada pode complicar significativamente a travessia por esses estágios

Parkes (1998) trouxe contribuições essenciais ao identificar fatores que podem levar ao que ele classifica como “luto complicado”, destacando que determinadas circunstâncias ambíguas da perda, como mortes repentinas ou violentas, situações de desaparecimentos e a falta de suporte social, podem dificultar a elaboração do luto. Esse quadro caracteriza-se pela

intensificação, prolongamento e estagnação do sofrimento psíquico, podendo evoluir para sintomas mais severos de ansiedade e depressão. No contexto nacional, Franco (2010) observa que a interdição social do luto e a falta de espaços para sua expressão no Brasil são fatores que frequentemente complicam o processo.

A dificuldade em falar sobre a morte e o morrer no Brasil cria um ambiente no qual o luto é, muitas vezes, vivido na solidão, sem o amparo cultural necessário para sua elaboração (Kovács, 2005). Quintana Arantes (2017) analisa a cultura brasileira do morrer, destacando uma tensão entre fortes tradições religiosas e familiares de despedida e uma tendência médica e hospitalocêntrica que, por vezes, priva os indivíduos desse mesmo ritual.

Este sofrimento psíquico não elaborado pode ter repercussões físicas, um fenômeno amplamente documentado por Parkes (1998), cujas pesquisas associaram a repressão do luto a um aumento significativo de queixas e morbidades físicas. A fragilidade das redes de apoio é dificultador crucial para essa transição, um risco amplificado em situações de crise, como bem ilustra o contexto pandêmico analisado por Kovács (2020). A pandemia da COVID-19 criou um cenário que vai ao encontro das observações de Parkes (1998): a impossibilidade de realizar rituais fúnebres e a falta de suporte social construíram um terreno fértil para o luto complicado, amplificando o sofrimento pela solidão e pela impossibilidade de despedida.

Portanto, a experiência do luto se apresenta como um processo multidimensional, que se desenvolve simultaneamente como um processo psicológico individual, uma expressão cultural coletiva e um desafio biopsicossocial. A dificuldade do luto contemporâneo, intensificada em contextos como o da pandemia, surge precisamente do desequilíbrio entre essas dimensões. Compreender esta dinâmica é fundamental para investigar de que forma os rituais fúnebres podem atuar como uma ponte vital entre a dor solitária e o amparo coletivo.

3.2. RITUAIS FÚNEBRES: UMA PRÁTICA CULTURAL DE DESPEDIDA

Os rituais fúnebres constituem uma resposta cultural universal à experiência da morte. De acordo com Souza & Souza (2019), esses ritos são práticas e cerimônias realizadas em reação à morte de um indivíduo, com o intuito de honrar o falecido, facilitar o luto e propiciar suporte emocional aos enlutados. Além disso, em diversas tradições culturais e religiosas, esses rituais também podem ser compreendidos como formas de cuidado simbólico com o próprio falecido, ao promover sua passagem, encaminhamento ou integração a uma dimensão espiritual ou ancestral. Sob o olhar da antropologia, Geertz (2008) compreende os rituais

como sistemas simbólicos que expressam os valores fundamentais de uma cultura, pois através deles, uma comunidade comunica suas crenças sobre a vida e a morte.

A estrutura dessas práticas foi classicamente analisada por Gennep (2011), que em sua obra “Os Ritos de Passagem” (2011), os classificou em três fases sequenciais: separação, margem (ou liminar) e agregação. Aprofundando essa concepção, Victor Turner (1974) destacou que, durante a fase liminar, surge a *communitas*, um sentimento espontâneo de igualdade, solidariedade e conexão entre os participantes. Do ponto de vista sociológico, Émile Durkheim (2000), identificou que essas práticas cumprem uma função social vital ao reforçar a coesão do grupo e reafirmar os valores coletivos perante a ruptura causada pela morte. Essa noção de comunhão e suporte social, proporcionada pela *communitas* do ritual, encontra um profundo eco na filosofia de Emmanuel Lévinas (2005). Para o autor, a responsabilidade pelo 'Outro' que sofre não é uma escolha, mas uma constituição ética do sujeito. O ato de estar presente no ritual fúnebre materializa concretamente essa responsabilidade, constituindo-se como uma resposta ética fundamental ao sofrimento alheio e um reconhecimento da vulnerabilidade compartilhada que fundamenta nossa humanidade.

Psicologicamente, os rituais são ferramentas narrativas essenciais. Neimeyer (2011), em sua Teoria da Reconstrução de Significado, argumenta que eles auxiliam os enlutados na reconstrução de seu mundo de significado, abalado pela perda. Por meio de gestos ritualizados, eles não apenas se despedem do falecido, mas também reconstróem sua própria identidade e lugar no mundo. A eficácia psicológica simbólica dos rituais fúnebres está, assim, em sua capacidade de promover a expressão de sentimentos que frequentemente desafiam a verbalização, oferecendo um espaço simbólico para a dor.

A importância do corpo neste processo é destacada por Giamattey et al. (2021), cujo estudo demonstra que a presença física do falecido oferece um aspecto tangível para lidar com a finitude, auxiliando na aceitação da perda e na construção de uma narrativa de despedida. Quintana Arantes (2017) também levanta a importância da despedida presencial, entendendo-a como momento essencial de “realismo simbólico” que ajuda na transformação da presença em memória.

Portanto, torna-se evidente que a ausência desses rituais representa uma privação significativa. Kübler-Ross (1998) observou que a impossibilidade de vivenciar uma despedida adequada pode complicar significativamente a elaboração do luto. Kovács (2020) corrobora essa visão ao afirmar que a privação do ritual, como a que ocorreu em massa durante a pandemia, criou uma “ferida aberta” no processo de luto, dificultando a aceitação da realidade da perda. Este cenário vai ao encontro das formulações de Parkes (1998) acerca do luto

complicado, uma vez que a impossibilidade de confirmação simbólica da perda constitui terreno fértil para sua instalação.

A contemporaneidade, no entanto, não testemunha simplesmente o desaparecimento dos rituais, mas sua profunda ressignificação e adaptação. Investigando essa transformação no contexto brasileiro, Lauria (2022), em *“Tessituras Funerárias”*, identifica um movimento de reinvenção das práticas fúnebres que dialoga com as necessidades contemporâneas de elaboração do luto. A autora observa a emergência de cerimônias laicas e personalizadas, que deslocam o foco de uma despedida padronizada para a valorização da singularidade da vida do falecido.

Essas “novas tessituras funerárias”, conforme Lauria, não representam o esvaziamento do ritual, mas a busca por manter sua função simbólica essencial diante das transformações sociais e culturais. O trabalho da autora contribui para compreender que, embora a forma do ritual possa se transformar, se tornando privada, flexível ou personalizada, seu fundamento psicológico e social permanece, oferecendo um espaço simbólico para expressão da dor e para a elaboração da perda. Nesse sentido, tais práticas podem ser articuladas às contribuições de Niemeyer (2011), ao favorecerem a reconstrução de significados diante da experiência da morte.

Dessa forma, a análise de Lauria não invalida a noção de “morte negada”, mas ilumina como indivíduos e comunidades respondem a esse mesmo contexto. Na ausência ou no esvaziamento de sentido das estruturas tradicionais, a necessidade humana fundamental de ritualizar a perda persiste, buscando formas de expressão coerentes com um mundo secularizado e marcado pela valorização da singularidade. As “novas tessituras funerárias” se configuram, assim, como expressões de uma sociedade que ainda busca validar e compartilhar a dor da perda, mesmo quando a morte permanece, em grande medida, um tabu.

4. RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados obtidos através do questionário de opinião pública, que contou com a participação de 100 respondentes. Os resultados estão organizados em duas seções principais: a primeira sendo a análise quantitativa, que mapeia as tendências gerais e o perfil das respostas por meio da estatística descritiva, com cálculo de frequências e percentual e a segunda, análise qualitativa, que aprofunda as percepções e significados atribuídos pelos participantes aos rituais fúnebres utilizando a análise de conteúdo temática de Bardin (2011).

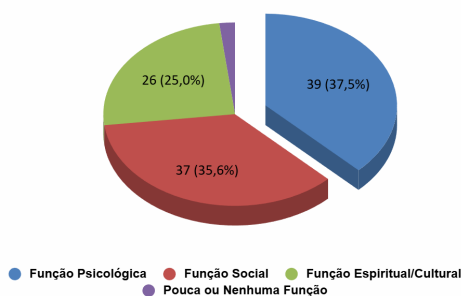
4.1. ANÁLISE QUANTITATIVA

37,5% dos participantes pesquisados identificam a Função Psicológica como a principal dos rituais fúnebres, seguida pela Função Social (35,6%) e Função Espiritual/Cultural (25,0%). Apenas uma minoria (1,9%) atribui pouca ou nenhuma função a esses rituais.

Estes dados revelam que, na percepção social contemporânea, os rituais fúnebres são compreendidos principalmente como ferramenta de processamento emocional e elaboração do luto, o que sobrepõe até suas tradicionais funções sociais e espirituais. Esse dado sugere um caráter psicológico do fenômeno da morte, onde o valor terapêutico do ritual é evidenciado.

Tabela 1 - Função principal dos rituais fúnebres

4 - Na sua opinião, qual é a principal função de um ritual fúnebre (como velório ou cremação) para a sociedade?



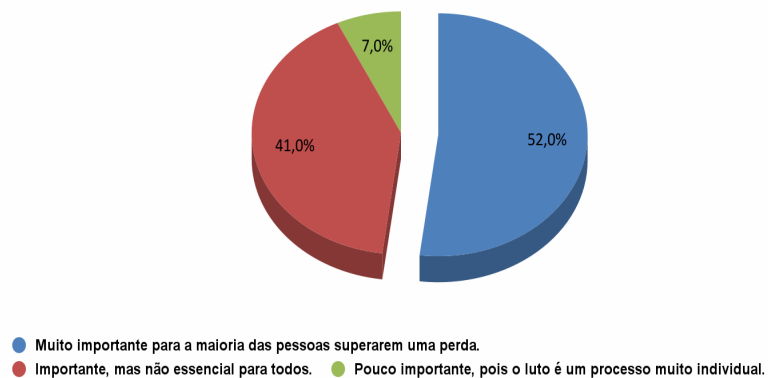
Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Cerca de 52,0% consideram os rituais fúnebres “Muito importante” para a superação da perda, enquanto 41,0% os avaliam como “Importante, mas não essencial”. Apenas 7,0% os consideram “Pouco importante”.

Pelo percentual obtido, há um consenso social persistente sobre a relevância dos rituais fúnebres no enfrentamento do luto. Quase a totalidade dos participantes reconhece seu valor, indicando que essas práticas possivelmente permanecem profundamente enraizadas como recurso culturalmente validado para lidar com a morte.

Tabela 2 - Grau de importância dos rituais

5 - Você acredita que a realização de rituais fúnebres é:

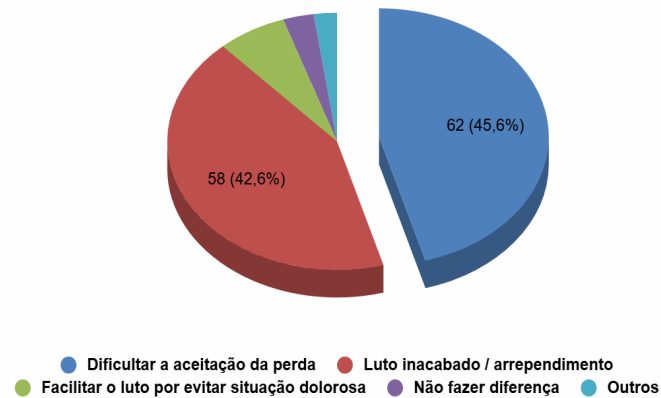


Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Quando questionados sobre os impactos da ausência de rituais de despedida, a resposta mais frequente (45,6%) foi que esta ausência “Dificulta a aceitação da perda”. Em segundo lugar, 42,6% acreditam que levaria a um “Luto inacabado/arrependimento”, enquanto 6,6% consideram que “Facilita o luto” e 2,9% que “Não faz diferença”. Nesta questão predomina a percepção de que a privação do ritual tem consequências negativas concretas no processo de luto, especialmente no que diz respeito à dificuldade de assimilação da realidade da perda.

Tabela 3 - Impacto da ausência dos rituais

6 - Pensando na sociedade em sua totalidade, quais impactos você acredita que a ausência de um ritual de despedida pode gerar, tanto no nível individual quanto coletivo?



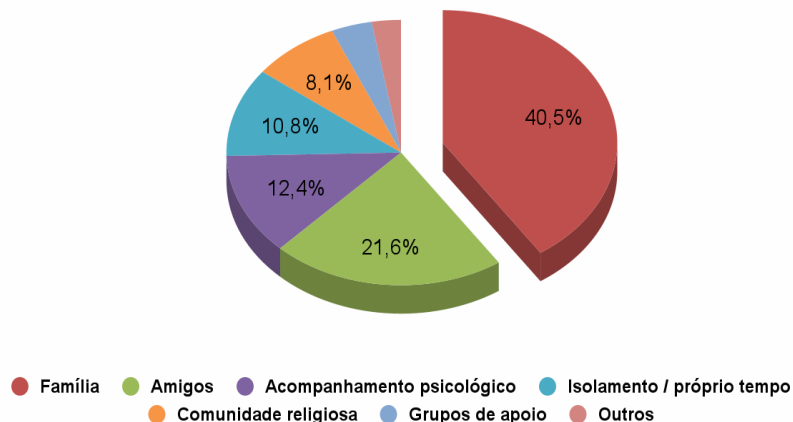
Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A família surge como principal fonte de apoio emocional durante o luto para 40,5% dos respondentes. Os Amigos aparecem como segunda opção (21,6%), seguidos pelo Acompanhamento Psicológico (12,4%) e pelo Isolamento/próprio tempo (10,8%). Apoio na Comunidade Religiosa e Grupos de Apoio obtiveram percentuais menores (8,1% e 6,5% respectivamente).

Estes resultados reforçam a centralidade das redes de apoio primárias (família e amigos) no processo de luto, conforme previsto na literatura. No entanto, é possível notar que o apoio profissional (psicológico) já supera estratégias de isolamento, sugerindo uma crescente valorização de suportes especializados.

Tabela 4 - Fontes de Apoio no Luto

7 - Onde você acredita que as pessoas encontram o principal apoio emocional durante o luto?



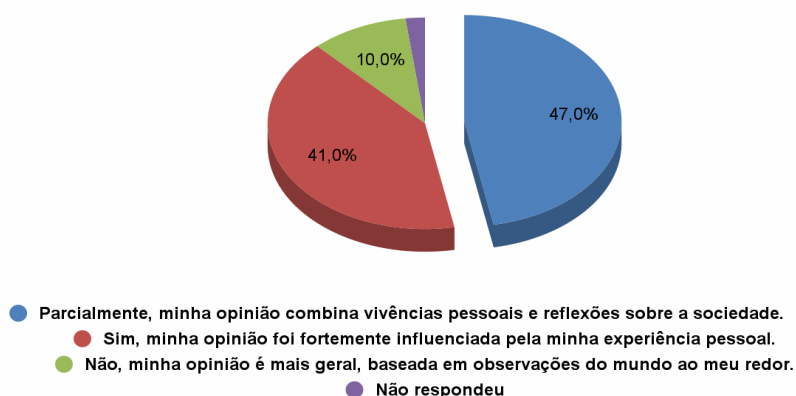
Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Na questão opcional, metade dos participantes (47%) relata que sua opinião foi “fortemente influenciada” por uma experiência pessoal de luto, enquanto 41% afirmam que foi “parcialmente influenciada”. Apenas 10% baseiam sua opinião apenas em observações gerais e 2% não respondem.

Essa amostra de dados é significativa porque indica que as opiniões expressas no questionário não são meramente abstratas, mas ancoradas em vivências concretas de perda, isso valida os resultados, sugerindo que as percepções refletem aprendizados reais com o processo do luto.

Tabela 5 - Influência da Experiência Pessoal

09 - A sua opinião sobre a importância dos rituais fúnebres, expressa neste questionário, foi influenciada de alguma forma por uma experiência pessoal de luto?



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

4.2. ANÁLISE QUALITATIVA

Para a análise qualitativa, as respostas às questões abertas foram integralmente transcritas, respeitando a literalidade dos relatos escritos dos participantes, com pequenas adequações ortográficas quando necessárias, a fim de preservar a clareza textual sem prejuízo do sentido original. Para garantir rigor metodológico e transparência analítica, foi adotada uma chave transcricional para a apresentação dos trechos, permitindo a padronização dos relatos e a adequada compreensão dos elementos expressivos para a análise.

Chave transcricional adotada na pesquisa:

(...) – pausa, hesitação ou interrupção no relato escrito;

Aspas (“ ”) – expressões utilizadas literalmente pelos participantes;

(PXX) – identificação do participante, preservando o anonimato.

Dando continuidade à análise dos dados, conforme os procedimentos metodológicos previamente descritos, o processo analítico seguiu as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, conforme descrito no capítulo de método. A partir desse processo, foram estabelecidas categorias temáticas para a codificação das respostas, em consonância com os objetivos específicos da pesquisa. As categorias emergiram do material empírico, permitindo a organização e interpretação dos significados atribuídos pelos participantes aos rituais fúnebres.

Tabela 6 - Principais contribuições dos rituais (Q.8)

Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Despedida e Fechamento de Ciclo	66	66%
Aceitação e Concretização	25	25%
Apoio Social/ Emocional	28	28%
Dimensão Espiritual/ Religiosa	10	10%
Indeterminado	3	3%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A categoria “Despedida e Fechamento de Ciclo” (66%) surge como a mais significativa. As respostas ilustram que o ritual é percebido como um marco simbólico necessário para encerrar um ciclo vital, funcionando como um “ponto final” concreto. Como ilustram os participantes:

“Um último até logo. O final de um ciclo.” (P11)

“Sensação de concretismo da finalização de um ciclo” (P19)

“É como o encerramento de um ciclo, a partir de então, entendemos e aceitamos, ou não, a ausência, a falta, a saudade” (P53)

A categoria “Aceitação e Concretização da Perda” (25%) aparece ligada à anterior, enfatizando o papel do ritual em tornar a morte uma realidade tangível e inevitável:

“Auxílio para ajudar a pessoa a cair a ficha que a pessoa morreu” (P1)

“Ao ver o parente no caixão sendo enterrado o sentimento de “fim” e que aquilo é a realidade” (P95)

Já a categoria “Apoio Social/Emocional” (28%) destaca o valor do suporte coletivo e do compartilhamento da dor:

“Proporciona um espaço de acolhimento e conexão, onde o compartilhamento da dor transforma a despedida em um gesto coletivo de apoio e significado” (P15)

“Uma demonstração de que elas não estão sozinhas” (P93)

Tabela 7 - Experiências pessoais com rituais (Q.10)

Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Conforto, Apoio e Amparo Social	20	38,5
Aceitação e Concretização da Perda	16	30,8
Elaboração e Processamento do Luto	19	36,5
Impactos da Ausência do Ritual	12	23,1
Experiência Negativa / Trauma	8	15,4
Dimensão Espiritual / Religiosa	8	15,4
Vivência Ambivalente (Mista)	4	7,7
Indeterminado / Vago	3	5,8

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

As narrativas pessoais revelam que o ritual funciona como um dispositivo de suporte multidimensional. A categoria “Conforto, Apoio e Amparo Social” (38,5%) foi a mais frequente, com relatos que destacam o acolhimento.

“Perdi minha mãe aos 14 anos... ver minha mãe no caixão e tocar na pele fria dela me fez perceber muito rápido a realidade que eu me

encontrava, não tinha chorado no dia que ela morreu, mas naquele momento consegui chorar uma primeira vez” (P65)

As categorias “Elaboração e Processamento do Luto” (36,5%) e “Aceitação e Concretização da Perda” (30,8%) aparecem como pilares da função psicológica do ritual.

“Quando tive oportunidade de me despedir, pude processar melhor a perda.” (P8)

“A ausência de um ritual me fez ter uma grande dificuldade de lidar com o processo de luto, acredito que a despedida final fez com que eu aceitasse maneira mais natural” (P11)

23,1% dos relatos destacaram os “Impactos da Ausência do Ritual”, descrevendo as dificuldades em processar a perda quando privados dessas cerimônias, um dado que diz fortemente sobre o contexto da pandemia.

“Não fui no enterro do meu tio na pandemia e por isso ainda tenho a sensação de “parece que ele está viajando e pode voltar a qualquer momento”. (P28)

As análises das narrativas confirmam e aprofundam os dados quantitativos, demonstrando que os rituais são vivenciados como estruturantes do processo do luto. Eles atuam ao mesmo tempo como facilitadores da aceitação da realidade, promovem suporte social e organizam simbolicamente a experiência da perda, cuja ausência é sentida como um obstáculo significativo para a elaboração saudável do luto.

5. DISCUSSÃO

A análise dos dados quantitativos e qualitativos revelou um panorama complexo e por vezes paradoxais sobre o lugar dos rituais fúnebres na sociedade contemporânea. Os resultados não apenas confirmam a relevância persistente, mas iluminam as tensões profundas que caracterizam a experiência atual da morte e do luto. Essa discussão articula esses achados com o referencial teórico para demonstrar como a pesquisa responde aos objetivos propostos.

5.1. SIGNIFICADO E FUNÇÃO DOS RITUAIS FÚNEBRES

O resultado que aponta a Função Psicológica (37,5%), como principal, seguida de perto pela Função Social (35,6%), não é um mero detalhe estatístico. É consequência de um fenômeno cultural profundo: a psicologização do luto. Em uma sociedade cada vez mais secular e marcada pelo individualismo, o ritual fúnebre passa por um processo de ressignificação, deixando de ser apenas uma obrigação social ou religiosa e se tornando, cada vez mais, um espaço voltado para a gestão emocional e subjetiva da perda.

Esta visão encontra ressonância na Teoria da Reconstrução de Significado de Neimeyer (2011). No entanto, os dados qualitativos realizam um deslocamento importante na forma como esse processo é vivenciado pelos participantes. Entre os respondentes da faixa etária de 18 a 29 anos, os relatos são marcados por expressões como “*cair a ficha*” (P1), “*concretismo da finalização*” (P19) e “*sentimento de fim*” (P95), indicando que o ritual é percebido como um momento de reconhecimento concreto da perda. Esses achados sugerem que, na percepção dos participantes, o valor do ritual não reside em substituir a elaboração psíquica do luto, que pode iniciar antes mesmo da cerimônia, mas em seu impacto simbólico e sensorial. Gestos e acontecimentos próprios do ritual atuam como marcos tangíveis que favorecem o reconhecimento da realidade da morte, organizando a experiência emocional e oferecendo um ponto de ancoragem para o processo de elaboração do luto. Nesse sentido, o ritual pode ser compreendido como um condensador simbólico da experiência da perda, que, ao reunir gestos, significados e vínculos, pode operar como um disparador do reconhecimento da realidade da morte, organizando e intensificando um processo de luto que, em muitos casos, já se encontra em curso.

Entretanto, a persistência da Função Social como segunda mais votada, e a recorrência de respostas que mesclam funções (como os participantes que escreveu “Um pouco de Função Social e Espiritual”), demonstra que o anseio pela *communitas* permanece presente, mesmo diante das transformações atuais. A visão clássica de Durkheim (2000) e Turner (1974), do ritual como mecanismo de coesão social, não foi abandonada, mas tensionada pela crescente do paradigma psicológico.

É nessa fissura que a análise de Lauria (2022) se torna fundamental. Ao discutir os processos contemporâneos de reconfiguração das práticas fúnebres, a autora evidencia que a personalização de cerimônias e a adoção de rituais laicos não representam o esvaziamento da função social do ritual, mas sua reorganização em diálogo com as demandas psicológicas do sujeito contemporâneo. Trata-se da tentativa de produzir formas de *communitas* mais

escolhidas e afetivas, capazes de validar a dor individual em um formatos que façam sentido para o sujeito psicológico moderno. O ritual, nesse contexto, deixa de operar exclusivamente como um ato de conformidade social e passa a se configurar como um recurso de autocuidado relacional no qual o sofrimento pode ser compartilhado, reconhecido e simbolicamente sustentado.

5.2. O IMPACTO DA AUSÊNCIA

Se a presença do ritual é percebida como um “disparador” necessário, sua ausência é vivida como uma suspensão do processo de luto. A forte associação da ausência com a “Dificuldade de aceitação da perda” (45,6%) e o “Luto inacabado/arrependimento” (42,6%) é a confirmação empírica de seu papel como elemento que concretiza a perda e torna a morte real ao enlutado.

Os relatos da pandemia funcionam como um experimento social natural que confirma essa hipótese de forma profunda. A fala da participante 28 expressa de modo contundente a dificuldade de reconhecimento da perda: *“Não fui ao enterro do meu tio na pandemia e, por isso, ainda tenho a sensação de que parece que ele está viajando e pode voltar a qualquer momento”* (P28). Esse relato evidencia a negação perpetuada, o fenômeno que Kübler-Ross (1998), identificou como um risco quando a despedida é impossibilitada. A ausência do que Quintana Arantes (2017), denomina de “realismo simbólico”, proporcionado pelo contato com o corpo (Giamattey et al., 2021) cria o que Kovács (2020) chamou acertadamente de “ferida aberta”.

A análise qualitativa revela ainda que um fator relevante: a ausência do ritual não é uma experiência homogênea. Enquanto alguns a vivenciam como um impedimento à elaboração da perda, outros relatam efeitos distintos, como no caso de P27, para quem *“o velório influência negativamente o luto no meu caso. A visão do caixão torna-se a lembrança mais marcante”* (P27). Esta ambivalência demonstra que, para uma minoria, o ritual pode ser traumatizante, um dado que complexifica a visão majoritária e aponta para a necessidade de personalização e sensibilidade nas práticas de despedida. Sem o marco tangível que transforma a presença em memória, a elaboração da perda fica comprometida, criando um cenário propício para o que Parkes (1998) identifica como fatores de risco para o luto complicado.

5.3. O PAPEL DOS RITUAIS COMO SUPORTE MULTIDIMENSIONAL

A análise dos dados sobre as fontes de apoio emocional durante o luto revela uma paisagem social em transformação, marcada por uma tensão produtiva entre o individual e o coletivo. A predominância da Família (40,5%) e dos Amigos (21,6%) como fontes primárias de apoio emocional durante do luto reforça a ideia de que as redes de apoio primárias continuam sendo o alicerce mais importante no enfrentamento da perda. No entanto, um dado sutil, porém revelador, aponta que para uma transformação significativa: o Acompanhamento Psicológico (12,4%) já supera estratégias como o “Isolamento/próprio tempo” (10,8%).

Este não é apenas um número, mas sugere um sintoma de uma mudança cultural profunda que pode ser interpretada como um duplo movimento. Por um lado, uma quebra crescente do tabu que cercava a saúde mental e o reconhecimento da complexidade do sofrimento, que demanda, em muitos casos, um cuidado especializado. A busca pela psicologia representa a validação da subjetividade do luto e a coragem de buscar ferramentas para um enfrentamento mais saudável.

Por outro lado, este mesmo dado permite uma leitura crítica sobre a organização social do cuidado. A ascensão do apoio psicológico profissional pode ser lida como um indicador da psicologização do luto, um processo pelo qual uma vivência humana fundamental, antes sustentada nas relações comunitárias, passa, pouco a pouco, a ser deslocada para um domínio técnico e especializado. Ressalto que esta não é uma crítica ao ato de buscar terapia, que é, em si, um recurso valioso, mas uma problematização do contexto que a torna uma necessidade substitutiva e não apenas complementar. Surge, assim, a noção de um potencial terceirização do luto, na qual a responsabilidade pelo processamento da dor é descolada das esferas coletivas tradicionais (a família, a comunidade, os rituais públicos) para a esfera privada e profissional do consultório.

A problematização, portanto, não reside no acompanhamento psicológico, mas no esvaziamento simultâneo das estruturas de amparo coletivo que poderiam servir como primeiro apoio no sofrimento. Quando o ritual fúnebre se enfraquece ou é negado, como durante a pandemia, e as redes de apoio primárias se mostram fragilizadas, a pessoa enlutada pode se encontrar duplamente desamparada, forçada a buscar, muitas vezes a um custo financeiro e emocional, um suporte que, em outras configurações sociais, era oferecido naturalmente pelo grupo.

Nesse contexto, o ritual fúnebre tradicional se reafirma como um fator contra a fragmentação, atuando de forma multidimensional. Ele representa simultaneamente como um espaço privilegiado para a manifestação da *communitas* (Turner, 1974), onde a solidariedade e a igualdade diante da morte fortalecem os laços comunitários, como uma estrutura simbólica

(Durkheim, 2000), que oferece um roteiro socialmente validado para a expressão de emoções em um momento de caos interno, e, finalmente, como um ato ético (Lévinas, 2005), de responsabilidade pelo “Outro” que sofre.

Essa dimensão concreta, social e psicológica do ritual é sintetizada na fala da participante 65: *“Perdi minha mãe aos 14 anos e o funeral dela foi um momento muito importante para mim, de maneira positiva e negativa. De uma maneira ver minha mãe no caixão e tocar na pele fria dela me fez perceber muito rápido a realidade que eu me encontrava, não tinha chorado no dia que ela morreu, mas naquele momento consegui chorar uma primeira vez.”* (P65). O ritual, assim, fornece o contexto socialmente legitimado para que o processo interno de luto, teorizado de Freud (2010) a Neimeyer (2011), seja não apenas vivido, mas reconhecido, validado e compartilhado.

5.4. RITUAIS FÚNEBRES E A CRÍTICA À MERCANTILIZAÇÃO

Embora a mercantilização da morte não seja um fenômeno novo, estando presente em diferentes contextos históricos, os dados indicam que, na atualidade, suas formas de expressão e seus efeitos simbólicos assumem configurações específicas, fortemente atravessadas pela lógica capitalista contemporânea. Essa não é somente uma crítica teórica, mas emerge como experiência partilhada pelos participantes. A afirmação de que *“a morte virou um produto do capitalismo”* (P30) sintetiza como a lógica econômica invade a esfera do luto. A crítica do participante à dissimulação do corpo morto (*“pintamos os mortos para dar um aspecto de vida”* (P30) e à aceleração do processo *“nos (livramos o mais rápido possível do corpo”* (P30), encontra ressonância direta nas análises de Veras e Soares (2016), que descrevem como práticas como a tanatopraxia e a necromaquiagem, ao buscarem a aparência de vida, produzem uma “maquiagem da morte” e de seus sinais concretos.

Essa percepção aparece de forma isolada. Para P34 *“na maioria das vezes... não dedicam atenção ao desejo do ente falecido, sendo frequentemente transformados em cerimônias grandiosas ou que aumentem o drama do momento”* (P34). A ideia de um ritual *“para os outros verem”* (P30) evidencia uma contradição central: o ritual, que poderia favorecer o reconhecimento da perda por meio do contato com a realidade da morte, é frequentemente atravessado por dinâmicas de mercado que aceleram o processo e transformam a despedida em uma performance social. Ainda que, em alguns casos, tais escolhas correspondam a desejos do próprio falecido, os relatos indicam que essas práticas são, muitas vezes, moldadas por pressões simbólicas e econômicas.

Dessa forma, a mercantilização não apenas transforma o ritual em uma mercadoria, mas tensiona sua função psicológica fundamental. Na tentativa de suavizar a experiência imediata da dor, substitui-se o “realismo simbólico” necessário à elaboração do luto por encenações que podem favorecer a negação da realidade da morte e, conseqüentemente, dificultar sua elaboração.

Em conjunto, estes achados revelam um retrato complexo dos rituais fúnebres na atualidade: uma prática cuja função psicológica de concretizar a perda permanece central, mas que são constantemente atravessadas pela fragilização das redes de apoio social e pela lógica mercantil. Ainda assim, longe de sucumbirem a essas pressões, os rituais demonstram notável resiliência, se afirmando não como um recurso ultrapassado, mas como uma instituição social fundamental e em constante negociação, que tenta, nas frestas do tabu e do mercado, tecer novos significados para a dor da despedida.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar o papel dos rituais fúnebres na elaboração do luto, questionando qual sua relevância no enfrentamento da perda e como sua ausência impacta a saúde mental dos enlutados. Os resultados, ao responderem aos objetivos específicos traçados, revelam um fenômeno complexo, marcado por tensões, deslocamentos e ressignificações no modo como a sociedade contemporânea se relaciona com a morte, o luto e os rituais fúnebres.

Os resultados apontam que, no imaginário social contemporâneo, o ritual tende a se deslocar da esfera do obrigatório, enquanto prática socialmente imposta ou normativamente esperada para a do significativo, sendo valorizado sobretudo quando percebido como dotado de sentido subjetivo para os envolvidos. Sua função deixa de ser predominantemente social ou religiosa e passa a ser compreendida, de forma central, como psicológica: o ritual atua como um rito de passagem que contribui para transformar a abstração da perda em uma realidade concretamente reconhecida. É o momento de “cair a ficha”, entendido não como o único disparador do luto, mas como marco simbólico que pode intensificar, organizar ou tornar consciente um processo, que, em muitos casos, já se encontra em curso. Ainda assim, essa psicologização não apagou o anseio pelo coletivo; ao contrário, ele se abriga e se reinventa nas tessituras funerárias contemporâneas, nas quais a *communitas* é recriada de forma mais íntima, personalizada e laica.

A ausência desse marco, por sua vez, se revelou na percepção majoritária dos participantes, não como uma mera falta, mas como um fator que dificulta a elaboração do luto. A experiência traumática da pandemia funcionou como um triste experimento natural, evidenciando que a privação do adeus pode perpetuar a negação da perda, gerando o que foi descrito como “luto inacabado” e uma sensação persistente de que o falecido “ainda pode voltar”. Nessas condições, a elaboração da perda tende a se tornar mais difícil e fragmentada.

Ao analisar o papel de apoio dos rituais, o estudo identificou um cenário paradoxal. Se, por um lado, a família permanece como o principal alicerce de suporte emocional, por outro, a ascensão do acompanhamento psicológico profissional sinaliza uma mudança cultural profunda, marcada tanto pela valorização dos cuidados especializados quanto pela atualização das formas de mercantilização da morte, que passam a reorganizar os rituais e o cuidado com o morrer segundo lógicas de eficiência, palatalização e consumo. Esse duplo movimento evidencia um deslocamento progressivo do amparo que antes de estruturava prioritariamente em bases comunitárias e ritualizadas para formas mais individualizadas, técnicas e, em muitos casos, mediadas pelo mercado. Nesse contexto, a crítica à morte como produto emerge com

força: estratégias que buscam tornar o ritual mais palatável, rápido ou “menos doloroso” podem paradoxalmente comprometer sua função simbólica e psicológica, criando uma tensão entre a promessa do serviço oferecido e seus efeitos reais no processo de luto.

É reconhecido que este estudo, por seu caráter de opinião pública, privilegia a análise das percepções e valores sociais sobre o ritual, em detrimento da mensuração de seus efeitos clínicos diretos. Ademais, a amostragem não probabilística delimita o alcance dos resultados ao perfil sociocultural específico dos respondentes, não permitindo generalizações estatísticas para toda a população brasileira, mas oferecendo um retrato rico e qualificado de um segmento significativo da sociedade.

Justamente por isso, é sugerido para pesquisas futuras a investigação clínica qualitativa com pessoas enlutadas, o aprofundamento da crítica à mercantilização da morte e, tomando como referência a perspectiva das tessituras funerárias proposta por Lauria (2022), o desenvolvimento de estudos empíricos que avaliem a eficácia dessas formas de ritual na elaboração do luto.

Ao final desta jornada, conclui-se que o ritual se afirma não pela sua forma imutável, mas pela permanência de sua função essencial. Em um mundo que tenta, a todo custo, negar a finitude, ele persiste como um ato de coragem coletiva. Ele é, e segue sendo, a ponte vital entre o que foi e o que precisa ser reinventado.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BIERNACKI, P.; WALDORF, D. **Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling**. Sociological Methods & Research, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.
- COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. de S. **Morte: uma visão psicossocial**. Estudos de Psicologia (Natal), v. 11, n. 2, p. 209-216, maio 2006.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Trad. Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer?** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FRANCO, M. H. P. (Org.). **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Trad. Walter O. Schlupp; Carlos C. Aveline. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.
- FREUD, S. **Luto e melancolia**. In: _____. Obras completas, v. 12: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 106-120.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Trad. Fanny Wrobel. 1. ed., 15. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GENNEP, A. van. **Os ritos de passagem**. Trad. Mariano Ferreira. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GIAMATTEY, M. E. P. et al. **Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações**. Escola Anna Nery, v. 26, n. spe, p. e20210208, 2022.
- KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.
- KOVÁCS, M. J. **Luto na pandemia de COVID-19**. 1. ed. São Paulo: Sinopsys, 2020.
- KÜBLER-ROSS, E. **A roda da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAURIA, A. **Tessituras funerárias: um cotejo sobre as Encomendas de almas entre Brasil (Vila de Igatu - Chapada Diamantina-BA) e Portugal (Aldeia de Carção, Nordeste Transmontano)** 2022. 156 f. Tese (PPGLitCult) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

LÉVINAS, E. **De Deus que vem à ideia**. Trad. Pergentino S. Pivatto. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1982.

NEIMEYER, R. A. **Reconstructing meaning in bereavement: summary of a research program**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 28, n. 4, p. 421-426, out. 2011.

PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

QUINTANA ARANTES, A. C. **A morte é um dia que vale a pena viver**. São Paulo: Sextante, 2017.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOUZA, C. P. de; SOUZA, A. M. de. **Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 35, p. e35412, 2019.

TURNER, V. **O processo ritual**. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VERAS, L.; SOARES, J. C. **Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte**. Psicologia & Sociedade, v. 28, n. 2, p. 226-236, maio 2016.

WEBER, L. N.; PÉRSIGO, L. M. M. P. **Pesquisa de opinião pública: conceitos e aplicações**. Opinião Pública, v. 23, n. 2, p. 291-321, 2017.

Apêndice

A - Questionário

1ª SEÇÃO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Ao marcar "**Sim**", eu declaro que:

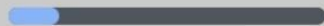
- Concordo em participar voluntariamente desta pesquisa.
- Fui devidamente informado(a) sobre seu objetivo e método.
- Compreendo que posso me recusar a participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades.
- Confirmo que tenho 18 anos de idade ou mais.
- Autorizo o uso dos dados fornecidos exclusivamente para os fins desta pesquisa acadêmica.

Eu concordo em participar desta pesquisa *

Sim

Não

Avançar



Página 1 de 6

Limpar formulário

2ª SEÇÃO - DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS****1 - Em qual faixa etária você se encontra? ***

- 18 a 29 anos
- 30 a 44 anos
- 45 a 59 anos
- 60 anos ou mais

2 - Qual seu gênero? *

- Feminino
- Masculino
- Não binário
- Prefiro não informar

3 - Como você descreve sua orientação religiosa ou filosófica? *

- Católica
- Evangélica
- Espírita
- Afro-brasileira
- Ateu/Agnóstico
- Outro: _____

Voltar

Avançar

Página 2 de 6 Limpar formulário

3ª SEÇÃO - OPINIÃO SOBRE RITUAIS FÚNEBRES

SUA OPINIÃO SOBRE RITUAIS FÚNEBRES

4 - Na sua opinião, qual é a principal função de um ritual fúnebre (como velório ou cremação) para a sociedade? *

- Função Social: Reunir amigos e familiares para oferecer apoio mútuo.
- Função Psicológica: Ajudar as pessoas a aceitarem a realidade da morte e a iniciarem o processo de luto.
- Função Espiritual/Cultural: Cumprir uma tradição religiosa ou cultural e confortar os vivos com crenças sobre a vida após a morte.
- Pouca ou Nenhuma Função: Acredito que estes rituais não são mais tão relevantes.
- Outro: _____

5 - Você acredita que a realização de rituais fúnebres é: *

- Muito importante para a maioria das pessoas superarem uma perda.
- Importante, mas não essencial para todos.
- Pouco importante, pois o luto é um processo muito individual.
- Nada importante, existem outras formas mais eficazes de lidar com a morte.

6 - Pensando na sociedade em sua totalidade, quais impactos você acredita que a ausência de um ritual de despedida pode gerar, tanto no nível individual quanto coletivo? *

- Dificultar a aceitação da perda para muitas pessoas.
- Levar a um sentimento de luto "inacabado" ou arrependimento.
- Não fazer diferença significativa no processo de luto.
- Até facilitar o luto para algumas pessoas, por evitar uma situação dolorosa.
- Outro: _____

Voltar

Avançar

Página 3 de 6 Limpar formulário

4ª SEÇÃO - O PAPEL DO APOIO

O PAPEL DO APOIO

7 - Onde você acredita que as pessoas encontram o principal apoio emocional durante o luto? *

- Na família
- Nos amigos.
- Na comunidade religiosa (igreja, centro, etc.).
- Em grupos de apoio específicos para enlutados.
- Em acompanhamento psicológico profissional.
- No isolamento e no seu próprio tempo.
- Outro: _____

Voltar

Avançar

Página 4 de 6 Limpar formulário

5ª SEÇÃO - VISÃO GERAL

VISÃO GERAL

8 - Se tivesse que resumir em uma frase, qual seria, na sua visão, a principal contribuição que um ritual de despedida oferece às pessoas enlutadas? *

Sua resposta

Voltar

Avançar

Página 5 de 6 Limpar formulário

6ª SEÇÃO - OPCIONAL

OPCIONAL

Caso você já tenha vivenciado a perda de alguém muito significativo em sua vida e se sinta à vontade para compartilhar, sua experiência pessoal poderá enriquecer ainda mais nossa compreensão sobre o tema.

09 - A sua opinião sobre a importância dos rituais fúnebres, expressa neste questionário, foi influenciada de alguma forma por uma experiência pessoal de luto?

- Sim, minha opinião foi fortemente influenciada pela minha experiência pessoal.
- Parcialmente, minha opinião combina vivências pessoais e reflexões sobre a sociedade.
- Não, minha opinião é mais geral, baseada em observações do mundo ao meu redor.
- Prefiro não responder.

10 - Se você quiser, pode compartilhar brevemente como a sua experiência influenciou a forma como você vê esses rituais hoje. (Ex.: "Por passar por isso, hoje vejo o ritual como...", "A ausência de um ritual na minha experiência me mostrou que...").

Se desejar, você pode compartilhar brevemente de que forma sua experiência influenciou a maneira como enxerga os rituais hoje.

(Exemplos: "Por passar por isso, hoje percebo o ritual como..."; "A ausência de um ritual na minha vivência me mostrou que...").

Sua resposta

Apêndice B - CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**TEXTO DO CONVITE**

Prezada(o) participante,

Esse questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado " Memória, ritual e Cura: O Papel dos Ritos Fúnebres na Elaboração da Perda", que está sendo desenvolvido na Universidade Católica do Salvador (UCSAL), pela estudante Larissa Kely dos Santos Lemos (larissa.lemos@ucsal.edu.br), sob a orientação da Profª Ms. Eurides Simões Soares Hide (eurides.hide@pro.ucsal.br).

Trata-se de uma pesquisa de opinião pública, que visa ampliar a compreensão sobre como os cerimoniais fúnebres (como velórios, sepultamentos e celebrações de vida) influenciam nossa

capacidade de processar a perda e a sua opinião é extremamente valiosa para que possamos entender melhor esse processo.

Sua participação é voluntária e seu anonimato e a confidencialidade das suas respostas são garantidos. Não há respostas certas ou erradas; queremos conhecer a sua percepção e experiência sinceras.

(Instruções Gerais)

Antes de começar, gostaríamos de informar:

- O questionário é dividido em seções curtas e leva cerca de 10 a 15 minutos para ser respondido.
- Para participar você precisa ter idade igual ou maior que 18 anos.
- As questões sobre luto podem trazer à tona memórias ou sentimentos delicados. Em caso de mal-estar emocional, você pode interromper a qualquer momento.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao marcar a opção "Eu concordo em participar desta pesquisa" e clicar em "Avançar", você confirmará que:

- Concorda em participar voluntariamente desta pesquisa.
- Foi devidamente informado(a) sobre seu objetivo e método.
- Compreende que pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidades.
- Confirma que tenho 18 anos de idade ou mais.
- Autoriza o uso dos dados fornecidos exclusivamente para os fins desta pesquisa acadêmica.